

VENCEDOR DO PRÉMIO PULITZER E DO NATIONAL BOOK AWARD

A COR PÚRPURA



«Uma exuberante celebração
do que significa ser mulher.»

CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

ALICE WALKER



Para o Espírito:

Sem a ajuda do qual

Nem este livro

Nem eu

Teríamos sido

Escritos.

Ensina-me a fazer como tu

Ensina-me a fazê-lo.

STEVIE WONDER

NOTA DA TRADUTORA

Em *A Cor Púrpura*, Alice Walker utiliza o chamado inglês afro-americano (ou *Black English*) para dar voz à personagem Celie, menina negra de uma família pobre do Sul rural dos Estados Unidos, que foi obrigada a abandonar os estudos e, por conseguinte, não domina correctamente a escrita, e o inglês-padrão ou normativo (*American Standard English*) para dar voz a Nettie, a irmã mais nova, que pôde prosseguir os estudos e se torna missionária. O romance oscila, assim, entre dois níveis de linguagem muito diferentes, um pautado pelas marcas de oralidade da comunidade negra rural e pelos erros de quem teve pouca instrução primária, e o outro regido pelas normas rígidas da língua, que é, neste contexto, assumidamente a língua do colonizador (dos ingleses que colonizaram os Estados Unidos da América e dos missionários que espalhavam a suposta palavra de Deus em África).

Traduzir um romance que apresenta uma tal riqueza e complexidade linguística constituiu um enorme (e, por vezes, desesperante) desafio, sobretudo na ausência de um equivalente generalizado e inequívoco do *Black English* em português. Ao ler *Luuanda*, de José Luandino Vieira,

encontrei uma linguagem que apresenta muitos pontos de contacto com a escrita de Walker, sobretudo no seu desejo de «dar voz àqueles que não tinham voz», como disse o escritor angolano numa entrevista ao *Jornal de Letras*. Assim sendo, optei por me servir de algumas marcas de oralidade, estruturas morfossintáticas e léxico do português de Angola (muito influenciado pelas línguas bantas, em especial pelo quimbundo) na tradução de *A Cor Púrpura*, ciente, porém, de que este trabalho de adaptação será naturalmente discutível. A tradução tenta também espelhar os erros ortográficos que permeiam todo o texto original.

Em linhas gerais, Walker desvia-se do inglês-padrão na conjugação dos verbos, na concordância entre o sujeito e a forma verbal («she say»), nos plurais dos substantivos («two mens», «peoples»), no uso da dupla negativa («she ain't never no good»), no uso dos pronomes («us» em vez de «we», «they» em vez de «their»), na elisão de preposições («he grab hold [of] my titties»), na passagem do discurso indirecto para o discurso directo, na ortografia, na escrita fonética («ast» em vez de «ask», «two berkulosis» em vez de «tuberculosis»); pontualmente, recorre a vocabulário típico do Sul rural dos Estados Unidos («natty», «cornrowed», «grits», «clabber», «hants»). Em *Luuanda*, Luandino Vieira usa estratégias muito semelhantes, que reproduzi, na medida do possível, nesta tradução: o uso do indicativo em vez do conjuntivo, a variação pronominal tu/você na mesma oração («você és», «o menino foste»), a formação dos plurais sob influência do quimbundo (que marca o plural por meio de prefixos, o que faz com que os falantes angolanos de português confundam o artigo

definido com um prefixo: «as criança», «os menino»), o uso não normativo dos pronomes de complemento directo/indirecto («lhe prendem», «lhe vi»), a elisão de artigos, preposições e conjunções («continuou varrer», «andei procurar», «estava cair», «estou procurar», «começou roer», «parece [que] é uma criança»), o recurso a regionalismos do português de África (cubata, matabicho, cazumbi, diamba, pópilas).

Este exercício de tradução, arriscado e controverso, teve por intuito destruir «a pacatez de leitura [...], subvertendo a norma comunicativa do português-padrão de Lisboa» (como diz Pires Laranjeira a propósito da escrita de *Luuanda*), e não criar uma caricatura racista dos falantes lusófonos de origem africana, acusação de que, infelizmente, a própria Alice Walker foi alvo aquando da publicação de *A Cor Púrpura*.

PREFÁCIO

Sejam quais forem as interpretações a que *A Cor Púrpura* tem sido sujeita desde que foi publicada, para mim, continua a ser uma obra teológica que examina a viagem de regresso do religioso ao espiritual que eu, antes de a escrever, passei grande parte da minha vida adulta a tentar evitar. Tendo reconhecido em mim, aos 11 anos, uma veneradora da Natureza, porque o meu espírito teimava em vaguear, janelas fora, ao encontro das árvores e do vento durante os sermões dominicais, não percebia porque é que, uma vez liberta, me deveria preocupar com as questões religiosas.

Pensei que um livro que começa com as palavras «Querido Deus» fosse imediatamente identificado como um texto acerca do desejo de encontrar o Antepassado Supremo e receber resposta Dele. Talvez seja um sinal dos tempos o facto de raramente isso ter acontecido. Ou talvez tenha sido a transformação pagã de Deus – de supremacista masculino patriarcal em árvores, estrelas, vento e tudo o resto – aquilo que camuflou, para muitos leitores, o propósito do livro: explorar o caminho difícil de uma pessoa que começa a vida como prisioneira espiritual, mas

que, graças à sua coragem e com a ajuda de terceiros, se liberta e compreende que ela, tal como a Natureza, é uma expressão radiante do Divino, até então apreendido como muito distante.

Se é verdade que aquilo de que fugimos nos persegue, então *A Cor Púrpura* (uma cor que é sempre uma surpresa, mas que se encontra em toda a parte na Natureza) foi o livro que me perseguiu, enquanto eu estava sentada de costas para ele num campo. Sem a palavra do Grande Mistério saindo de um sermão dominical ou de qualquer boca humana, ali a ouvi e a vi, movendo-se com toda a beleza pelas colinas relvadas.

Ninguém está imune à possibilidade de estabelecer uma ligação consciente com o Todo Supremo. Nem os pobres. Nem os sofredores. Nem o escritor sentado no campo ao ar livre. Foi neste livro que consegui exprimir uma nova consciência espiritual, um renascer que me levou de volta aos sentimentos fortes de Unidade e Harmonia que me dei conta de já ter sentido e tomado como dado adquirido em criança; uma oportunidade, tanto para mim, como para a Celie, a personagem principal, de encontrar *O Que Está Para Lá da Compreensão Humana Mas Não Para Lá do Amor*, e dizer: vejo-te e ouço-te claramente, Grande Mistério, agora que já estou à espera de te ver e ouvir onde quer que eu esteja, que é o lugar certo.

É bom que tu nunca conte pra ninguém senão Deus. Era a morte da tua mãezinha.

Querido Deus,

Tenho catorse anos. ~~Eu sou~~ Eu sempre foi bem comportada. Talvez tu pode me dar um sinal pra explicar que tá me acontecer.

Na primavera passada depois do bebé Lucious nascer, lhes ouvi brigar. Ele lhe puxou pelo braço. Ela disse Inda é muito cedo, Fonso, não tô bem. Ele acabou por lhe deixar em paz. Uma semana depois lá começou ele otra vez lhe puxar pelo braço. Ela disse Ná, nem penses. Tu não vê que tô meia morta, com tantos filho.

Ela foi no medico da irmã em Macon. Me deixou cuidando dos otro. Ele nunca disse nada amavel pra mim. Disse só Tu vai fazer o que a tua mãe não quis. Primeiro encostou o coiso dele na minha anca e lhe esfregou em mim. Depois meteu as mão nas minha maminha. A seguir enfiou o coiso dentro da minha xoxota. Como dueu, gritei. Ele começou me esganar, dizendo É bom que tu cale a boca e te abitue.

Mas eu nunca abituei-me. E agora fico enjuada sempre que sou eu a cozinhar. A minha mãezinha tá ralada com eu, anda sempre me observando. Tá feliz porque ele lhe trata bem agora. Mas tá tão duente que não deve durar muito.

Querido Deus,

A minha mãezinha morreu. Morreu aos grito e palavrão. Gritou com eu. Me cubriu de palavrão. Tô de barriga. Não consigo me mexer depressa. Quando volto do poço, a agua tá quente. Quando arranjo o tabuleiro, a comida já tá fria. Quando todos os menino tão prontos pra escola, é hora do almoço. Ele não dizia nada. Ficou sentado junto da cama de mão dada com ela, a chorar, a dizer Não me deixa, não vai embora.

Ela me perguntou sobre o primeiro De quem é? Eu disse de Deus. Eu não conhece otro homem nem sabia que dizer. Quando começou me duer e depois a barriga se pôs a mexer e o bebé saiu da minha xoxota a morder o punho, fiquei azamboada.

Ninguém veio nos ver.

Ela ficou mais e mais pior.

No fim perguntou Onde tá o bebé?

Eu disse Deus levou.

Mas ele é que levou o bebé. Ele levou o bebé quando eu tava dormir. Matou ele no mato. Mata este tambem, se puder.

Querido Deus,

Ele me trata como se já não pode me ver na frente. Diz que sou o demo e só apronto asneira. Levou o meu segundo bebé, um menino desta vez. Mas acho que não lhe matou. Acho que lhe vendeu pra um casal de Monticello. Tenho os peito a pingar leite. Ele diz Porque é que tu não tá decente? Veste qualquer coisa. Mas eu veste o quê? Não tenho nada.

Tomara ele arranje uma mulher pra casar. Eu vê ele olhar pra minha maninha. Ela tem medo. Mas eu digo pra ela Eu tomo conta de ti. Com a ajuda de Deus.

Querido Deus,

Ele trouxe pra casa uma pequena da zona de Gray. Deve ter a minha idade mas eles casou. Ele não sai de cima dela. Ela anda pela casa como se nem percebe o que lhe aconteceu. Acho que ela pensou que lhe amava. Mas ele tem tanto filho em casa. E todos a precisar dalguma coisa.

A minha maninha Nettie arranjou namoro com um homem quase na mesma situação que o nosso pai. A mulher dele também morreu. O amante lhe matou quando ela voltava da igreja. Mas ele tem só tres filho. Viu a Nettie na igreja e agora todo domingo no fim do dia lá vem o sô _____. Eu diz á Nettie pra não largar os estudo. Ela não entende o que é cuidar de filhos que nem são nossos. É ver o que aconteceu pra mãezinha.

Querido Deus,

Hoje ele me deu uma surra porque diz que eu piscou o olho pra um rapaz na igreja. Talvez tenha me entrado alguma coisa dentro da vista mas eu não piscou olho pra ninguém. Nem olho pros homem. Juro que é verdade. Pras mulher olho, porque não tenho medo delas. Como a minha mãezinha gritou comigo tu deve pensar que inda tô zangada com ela. Mas não tô. Eu tinha pena da mãezinha. Ela quis tanto acreditar nas história dele que isso lhe matou.

Às vezes inda apanho ele a olhar pra Nettie, mas me meto sempre na frente. Agora eu digo pra ela casar com o sô _____. Não esplico porquê.

Digo Casa com ele, Nettie, e tenta ter pelo menos um ano bom na vida. No fim dum ano sei que ela vai ficar de barriga.

Mas eu, nunca mais. Uma pequena da igreja diz uma mulher fica de barriga se deita sangue todos os mês. Eu já não deito sangue.

Querido Deus,

O sô _____ finalmente pediu a mão da Nettie em casamento. Mas ele não deixa ela ir. Diz que é nova de mais, sem esperiencia. Diz que o sô _____ já tem filho de sobra. Alem disso, e o escandalo a mulher dele causou quando lhe mataram? E as história que ele ouviu contar sobre Shug Avery? Então e isso?

Preguntei pra nossa nova mãe que conversa era essa de Shug Avery. O que é? perguntei. Ela não sabia mas disse ia descobrir.

Fez mais que isso. Arranjou um retrato. O primeiro retrato duma pessoa de verdade que eu já vi na vida. Disse que o sô _____ tirou não sei quê da carteira pra mostrar pro meu pai e o retrato caiu pra baixo da mesa. Shug Avery era uma mulher. A mulher mais linda que já vi na vida. Mais bonita que a minha mãezinha. Dez mil vez mais bonita que eu. Vi ela com umas pele. As bochecha pintada. O cabelo num rabo de cavalo. Sorrindo com o pé apoiado no otomovel dalguem. Mas com um olhar serio. Um bocado triste.

Pedi pra ela dar-me o retrato. Passei a noite toda olhar pra ele. E agora quando sonho, sonho com a Shug Avery¹. Tá vestida a matar, a dançar ás volta e a rir.

¹ Shug é a primeira sílaba de *sugar*, «açúcar»; *sugar babe* era uma expressão afectuosa usada para designar uma negra cantora de *blues*. (N. da T.)

Querido Deus,

Pedi pra ele usar eu em vez da Nettie enquanto a nossa nova mãe tá duente. Mas ele perguntou que conversa era aquela. Eu lhe disse que podia me embelezar. Fui no meu quarto e saí de lá com rabo de cavalo, plumas e uns sapato alto da nossa nova mãe. Ele me deu uma surra por eu vestir-me como uma pega mas me saltou pra cima na mesma.

O sô _____ apareceu nessa noite. Eu tava na cama chorar. A Nettie finalmente viu as coisa clara como elas são. A nossa nova mãe também. Se meteu no quarto a chorar. A Nettie cuidou primeiro duma e depois da otra. Teve tanto medo foi lá pra fora vomitar. Mas não na frente da casa onde tavam os dois homem.

O sô _____ disse: Bom, espero que tenha mudado as ideia.

Ele disse: Ná, não mudei.

O sô _____ disse: Pois olhe que os meus filhinho tão precisados duma mãe.

Bom, disse ele muito devagar, eu não posso lhe dar a Nettie. É nova de mais. Não sabe nada da vida, só o que

nós diz pra ela. Alem do mais quero que ela continue os estudo. Pra ser professora. Mas posso lhe dar a Celie. Inda por cima é mais-velha. Devia casar primeiro. Já não é pura, mas isso já você deves ter adivinhado. Ela já pariu. Duas vez. Mas você não precisas duma mulher pura. Eu arranjei uma pura pra mim e ela tá sempre duente. Cuspiu por cima da varanda. Os menino lhe enervam, não cozinha grande coisa. E já tá de barriga.

O sô _____ não disse nada. Eu parei de chorar tal foi o espanto.

Ela é feia, disse ele. Mas tá abituada trabalhar. E é limpa. E Deus secou ela. Você pode lhe fazer tudo que quer, que não vai ter mais boca pra alimentar nem vestir.

O sô _____ continuou sem dizer nada. Peguei no retrato da Shug Avery. Olhei pros olho dela. Os olho dela disseram É, a vida é assim ás vezes.

A verdade, disse ele, é que tenho que me livrar dela. Tá velha de mais pra viver cá na casa. E é má influencia pras minhas otra menina. Ela pode levar o enxoval. E tambem pode ficar com a vaca que ela cria no fundo do curral. Mas com a Nettie nem pensar. Nem agora nem nunca.

O sô _____ falou finalmente. Tussiu. Eu nunca olhei pra essa com olhos de ver, disse ele.

Pois da procima vez que você vens na minha casa podes ver ela. É feia. Nem parece da mesma familia que a Nettie. Mas vai dar uma esposa melhor. Tambem não é esperta e vou ser onesto, você vais ter que lhe vigiar, senão ela dá tudo que você tens em casa. Mas é capaz de trabalhar como um homem.

O só _____ disse Quantos ano ela tem?

Ele respondeu: Quase vinte. E mais uma coisa... ela é mentirosa.

Querido Deus,

Ele levou a primavera toda, de março até junho, a decidir ficar com eu. Eu só pensava na Nettie. Que ela podia viver com nós se eu casava com ele, e se ele continuava tão apaixonado por ela eu podia arranjar uma maneira de nós duas fugir. Nós tem estudado muito pelos livro da Nettie, por causa nós sabe que é preciso ser esperta pra safar-se. Sei que não sou bonita nem esperta como a Nettie mas ela diz que não sou burra.

A Nettie explicou que pra lembrar quem descobriu a America só precisa pensar em pombo. Porque Colombo parece com pombo. Aprendi tudo sobre Colombo no primeiro ano mas pelo visto foi a primeira coisa que esqueci. Ela diz ele veio pra cá nuns barco chamado Ninha, Pinta e Santamaria. Os indio lhe tratou tão bem que Colombo obrigou um bando deles a voltar pra sua terra pra serem criados da rainha.

Mas é difícil pensar com esta história do casamento com o sô _____ a pairar por cima da minha cabeça.

A primeira vez que eu ficou de barriga, o pai me tirou da escola. Não se importou nada que eu adorava a escola.

A Nettie ficou parada no portão me agarrando na mão com força. Eu tava toda vestida pro primeiro dia. Tu é burra de mais pra continuar na escola, disse o pai. A Nettie é a esperta da casa.

Mas pai, disse a Nettie a chorar, a Celie também é esperta. Até a menina Beasley disse que é. A Nettie adora a Menina Beasley. Acha que não á ninguém no mundo como ela.

O pai disse: Quem é que dá ouvidos pro que a Addie Beasley diz. Ela fala tanto que homem nenhum quis ela. Foi derivado disso teve que trabalhar na escola. Ele continuou limpar a espingarda sem levantar a cabeça. Um bocado depois um bando de homens branco atravessou o quintal. Também tinham espingardas.

O pai se levantou e seguiu eles. Passei o resto da semana a vomitar e a arranjar caça.

Mas a Nettie não desistiu. Quando dei por mim, a Menina Beasley tava na nossa casa tentar convencer o pai. Disse que era professora á muito tempo e nunca conheceu ninguém com tanta vontade de aprender como eu e a Nettie. Mas quando o pai me chamou e ela pôs os olho no meu vestido todo aperriado na barriga, parou de falar e foi embora.

A Nettie continuou sem perceber. Eu também não. A unica coisa que nós via é que eu tava sempre enjuada e gorda.

Ás vezes sinto mal porque a Nettie já tem mais estudos que eu. Mas parece tudo que ela diz entra-me por um ouvido e sai pelo otro. Ela tenta me explicar que a terra não é chata e eu digo: Pois, como se entendo do assunto. Nunca digo que parece-me toda chata.

Um dia o sô _____ aparece finalmente na nossa casa com ar esauisto. A mulher que lhe ajudava foi embora. A mãezinha dele disse Chega.

Ele diz: Deixe eu ver ela otra vez.

O pai me chama. *Celie*, diz ele. Como se não era nada. O sô _____ quer lhe ver melhor.

Paro junto da porta. O sol me bate nos olho. Ele continua em cima do cavalo. Me tira as medida de alto a baixo.

O pai faz barulho com o jornal. Chega aqui que ele não morde, diz.

Me abeiro dos degrau, mas não de mais porque tenho medo do cavalo.

Vira-te, diz o pai.

Viro. Um dos meus mano aproxima. Acho que foi o Lucious. Gordo e brincalhão, sempre a mastigar qualquer coisa.

Ele diz: Praquê tás fazer isso?

O pai responde: A tua irmã tá pensar casar.

Não significou nada pra ele. Me puxa pela ponta do vestido e pergunta se pode comer doce de amora da despensa.

Eu diz: Podes.

Ela tem jeito pra crianças, diz o pai, fazendo inda mais barulho a abrir o jornal. Nunca lhe ouvi dizer uma palavra torta pra nenhum deles. O unico problema é dá tudo o que eles pede.

O sô _____ diz: E a vaca sempre vem?

Ele disse: A vaca é dela.

UM CLÁSSICO DO FEMINISMO E DA LUTA CONTRA O RACISMO DO SÉCULO XX.

Celie, de 14 anos, escreve cartas a Deus para tentar compreender o que lhe está a acontecer. Órfã de mãe, abusada pelo homem a quem chama «pai», separada da irmã, privada dos dois filhos e oferecida em casamento a um homem que a maltrata, Celie considera-se «pobre, negra e feia». Até que conhece Shug Avery, a amante do seu marido. Com a ajuda de Sugar, «a mulher mais linda» que ela viu na vida, Celie descobre não só o paradeiro da sua irmã desaparecida, mas também o próprio corpo, o prazer, o amor e, acima de tudo, a sua voz.

Romance epistolar composto pelas cartas que Celie endereça a Deus com uma honestidade brutal e pelos relatos de viagem que Nettie lhe envia de uma missão em África, *A Cor Púrpura* aborda temas como a violência doméstica a que estavam sujeitas as mulheres negras no início do século XX, a relação dos negros com o seu passado de escravatura, e a busca do espiritual num mundo cruel e sem sentido.

A Cor Púrpura é um clássico aclamado como um dos maiores sucessos da literatura, inspirando gerações de leitores, e que se mostra completamente atual ao fazer-nos refletir sobre as relações de amor, ódio e poder, numa sociedade ainda marcada pelas desigualdades de género, etnia e classe social.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

  penguinlivros

 sumadeletrasportugal

ISBN 9789897847738



9 789897 847738 >